



ANTÔNIO BOTTO

# REGRESSO

(Novelas Inéditas)



CLUBE DO LIVRO

SÃO PAULO

1949

# C R I S E   V U L G A R

No seu confortável quarto do Grande Hotel onde habitava, a Baronesa parecia inquieta...

A penumbra da noite que descia entrava no aposento.

A um canto, numa jarra, algumas rosas vermelhas davam presença e eram vidas, porque exalavam perfume...

Fôra impertinente, perversa, dissera-lhe tudo, ofendera-o, mas agitada e nervosa, esperava que êle voltasse com um trêmulo madrigal na bôca entreaberta e grossa.

Sabia que era orgulhoso, que várias mulheres — e tantas! — o perseguiam e lhe escreviam, mas qualquer coisa lhe dizia a ela no fundo do seu ser que êle havia de voltar arrependido e amoroso!

Passaram vinte minutos.

Já decorreu uma hora. Sentou-se. As suas mãos, finíssimas, modeladas pela graça de uma flor, arrefeceram, estão mortas.

Agora, ergueu-se. Passeia nervosamente. Vai à varanda. Espreita o parque envolvido na sombra da noite morna. Vem para dentro; dá volta ao comutador e acende as três lâmpadas do fundo. Olha para o espelho, carrega as faces de "rouge", torna a bôca mais escarlata, acende um cigarro, fuma, e tomba sôbre um "fauteuil" deixando fugir um ai. Levanta-se, novamente. No botão da campainha demora o dedo indicador. Passa diante do espelho. Compõe num gesto os cabelos. Chega o criado:

— Faz favor, vai ao quarto 14 e diga que estou à espera

— Muito bem, senhora Baronesa.

O sussurro de uma rosa a desfolhar-se assustou-a.

Volta o criado:

— Bati, mas ninguém responde.

— Então, bata com mais fôrça que o Senhor há-de lá estar.

Se não o encontrar no quarto, procure-o no “bar”, na biblioteca, nos telefones, no salão, êle há-de cá estar! E dizia tudo isto, enérgica, perturbada, ruborizando-se, enquanto o criado, atento, a ouvia inclinando a fronte.

Sem compostura, esgazeada, perdida no labirinto do seu drama de amor e de ciúme, a Baronesa apagou as lâmpadas do fundo, acendendo apenas um pequeno candeeiro que mal distribuía um laivo de tímida claridade.

Um reflexo da lua batia no espelho. Aproximou-se. Estava pálida. Os olhos pisados, a bôca arrepanhada e cruel num jeito de dor e de vileza. Abriu um livro de versos que estava sôbre uma cadeira:

*“Amor é roda de feira  
Que sempre se vê movendo;  
De um lado vão uns subindo,  
De outro lado outros descendo.  
Passados instantes breves  
O contrário se há-de ver;  
— Hão de subir os que descem  
E os outros hão-de descer”.*

— Não, senhora Baronesa! O senhor D. Luís saiu de automóvel — diz o criado depois de bater.

— Você não esta bom da cabeça! O senhor D. Luís saiu? Como é que isso pode ser? Está bem; pode retirar-se.

Atirou a porta e estatelou-se sôbre a cama a gemer e a chorar.

A crise durou minutos.

O telefone tocou. Não atendeu. Escondeu a cara de baixo das almofadas. E o telefone insistia. Por fim, lá se resolveu a atender. Levantou-se e a campainha parou.

Foi ver as horas. Nove e meia. E se ela saísse um pouco?

Estremeceu. Alguém batia na porta num jeito seu conhecido... Voltou-se. Era êle.

— Então?

— Fui rapidamente comprar uma frisa para o cinema e telefonei-te cá de baixo, mas, não sei o que tinha o telefone que não consegui a ligação.

Levas o teu chapéu branco ou preferes ir em cabelo com essa riqueza de oiro que maravilha e surpreende? E dava-lhe um beijo demorado na garganta esbelta e branca.

— Não. Prefiro ir em cabelo.

E saíram como se nunca a mais pequena palavra desagradável tivesse sido trocada entre êles.

Descendo a bela escadaria central do Grande Hotel, a Baronesa murmurava só para ela, num silêncio fechado: A mulher tem sempre razão. Que dizia eu? Êle voltou, ou não voltou?

# ENCONTRO SEM RESULTADO

Encontrei-a ontem de tarde numa paragem, na Avenida... Mudada, mal vestida e velha. Fingiu que não me conheceu. Respeitei o seu disfarce.

Que tinha casado bem; um industrial de nome, e que habitava um palecete com automóvel e criados, fartura de jóias e vestidos, mas vejo-a, assim neste aspecto miserável de mendiga que disfarça e oculta a penúria, na petulância de um gesto, na firmeza de pisar e no sorriso composto que mantém com altivez, esta mulher que eu beije num interregno de quatro meses da minha vida sem destino, esta mulher surpreendeu-me e tocou-me de saudade.

O que teria sucedido para andar feita uma sombra de uma imagem refulgente?

Passa o "elétrico". Subiu. Subi também. Curiosidade em ouvir uma história verdadeira?

Pareceu-me que ela não deu pela minha entrada no carro.

Pedi bilhete para a Estrêla e apeou-se no grande largo mesmo em frente do Jardim.

Entrou no Jardim. Entrei atrás dela. Andava, por certo, à espera de alguém que ali devia aparecer. Ocultei-me; e, à distância, seguia o seu passo lento.

Nervosa, olhava, atentamente, para tôdas as direções... Por fim, sentou-se num banco.

Abriu a mala e passou a borla do pó de arroz pelo nariz e pelo queixo. Depois, levantou o busto, mexeu no cabelo, e ficou, serena, o olhar perdido, alheia a tudo que em volta

àquela hora, passava: rumor de uma ou outra pessoa atravessando as alamedas, umas crianças que brincavam, um gorjejar de passarinhos aos saltos num ramo frágil...

Um tipo de homem descuidado, mas novo, de beia cara, pessoa desempregada, tirou o chapéu e sentou-se devagar, ao lado dela.

Cumprimentaram-se. Ela sorriu-lhe. E as mãos dêle acariciaram num movimento vibrante as dela que estavam postas sôbre a mala em abandono.

Eu seguia tudo isto, mas mudei de situação, aproximando-me, cauteloso, para ficar mais perto dêles a fim de apanhar qualquer palavra que me desse um pormenor ou um fio do romance.

Mas era fácil compreender e chegar a conclusões...

Este rapaz que ali estava era um antigo namorado de quem ela me falava e que a seguia apaixonadamente, pobre e trabalhando num escritório de comissões e consignações — casa pacata e modesta.

Estaria agora, por certo, desempregado e sem nada, porque o aspecto elucidava. Falavam baixo. Êle, marcando gestos de náufrago que encontra e não abandona a tábua de salvação. Falador, expressivo, animado... Ela, em silêncios atentos, olhava para êle, e deixava-o dizer sem o interromper — interminável relato como o de um conto sem fim.

Eu estava cansado de os ver sempre na mesma postura.

Aproximei-me e fui passar atrás dêles, tapando a cara com o lenço fingindo que me assoava. Mas ela viu-me. Conheceu-me. Não disse nada ao companheiro. Desviou elegantemente as mãos, mostrou uma expressão de fadiga e con-

triedade, e falou em levantar-se ao que êle acedeu respeitoso.

Escondi-me ao pé de uns arbustos.

Encaminharam-se para o portão. No largo, êle despediu-se, beijando-lhe a ponta dos dedos. Depois, seguiu para os lados da Lapa, e ela entrou na igreja.

Esperei que ela saísse. Demorou-se bastante. Fumei três cigarros. Estava já para desistir...

Apareceu. Dirigia-se apressadamente para a calçada. Interroguei-a. Parou. — Não tenho um minuto, agora. Vou atrasada. Não posso. Um outro dia falaremos, com muito prazer, acredite.

E antes que eu pudesse marcar êsse prometido encontro, chamou um táxi que passava e partiu sem sequer me estender a mão.